

Trama narrativa e o "beijo gay" na telenovela brasileira¹

Vitor GILARD²

Leticia MATHEUS³

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

O artigo analisa comparativamente os episódios de “beijo gay” em duas telenovelas da TV Globo, “Amor à Vida” (2013-2014) e “Babilônia” (2015), procurando compreender se a estrutura narrativa de ambas as produções colaborou ou não para a aceitação ou para a rejeição dos personagens gays e seus relacionamentos afetivos. O objetivo é entender em que medida a construção das tramas, além das diferenças de representação de seus personagens particulares, foi capaz de colaborar para um processo de identificação positiva do público em relação à homoafetividade. Tendo como base a análise estrutural da narrativa, a hipótese é que houve uma preocupação com a construção de um complexo processo de reconhecimento com o personagem Félix, cujo beijo foi não apenas aceito como celebrado, mesmo em uma sociedade intensamente homofóbica.

Palavras-chave: Telenovela; Narrativa; Identidade; LGBTT; “beijo gay”

Introdução

O artigo apresenta um estudo comparado entre duas telenovelas que foram ao ar pela TV Globo nos últimos anos, tentando compreender como a configuração de suas tramas contribuiu ou não para a aceitação ou rejeição, por parte do público, de relacionamentos homoafetivos. O objetivo geral é dimensionar a importância da visibilidade de personagens homossexuais na televisão aberta no Brasil, procurando entender como os modos de construção desses personagens podem contribuir para os processos de identificação do público LGBTT.

Para esse estudo, foi realizado um recorte temático em torno da introdução do acontecimento “beijo gay”⁴ nas tramas das telenovelas brasileiras. Depois de traçar um breve histórico da consolidação da telenovela no Brasil, apresentamos uma espécie de rastreamento dos personagens gays e do grau de visibilidade de seus relacionamentos, quando havia. Na segunda parte do artigo, analisamos o aparecimento do episódio do “beijo gay” entre os personagens Félix e Niko, em “Amor à Vida” (2013-2014), e entre Teresa e Estela, em “Babilônia” (2015), ambas exibidas pela TV Globo com um intervalo de tempo de apenas 14

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática II 4 - Comunicação Audiovisual, da XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Jornalismo da FCS-UERJ, email: gilard.vitor@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da FCS-UERJ, email: leticia_matheus@yahoo.com.br

⁴ Por fins didáticos, utilizaremos um termo do senso comum (“beijo gay”). Entendendo que os beijos são iguais e não possuem categorias, colocamos o termo entre aspas.

meses. O objetivo é perceber até que ponto a estruturação narrativa da telenovela pode ter contribuído ou não para a aceitação do primeiro casal e a rejeição do segundo. Levamos em conta, evidentemente, as particularidades identitárias dos quatro personagens envolvidos, em especial a questão de gênero e de faixa etária, uma vez que o primeiro casal era masculino e jovem e o segundo feminino e com maior idade. A hipótese central é que no primeiro caso houve uma preparação ao longo da trama segundo a qual até mesmo um espectador mais resistente à visibilidade LGBTTT teve a possibilidade de desenvolver uma identificação afetiva com os personagens.

Para realizar essa análise, adotamos uma combinação de autores que pensam a estruturação da trama do ponto de vista formal, como Todorov (2004) e Propp (1984), mas enfatizando principalmente o desenrolar da trama, usando para isso o clássico modelo de representação dramática de Aristóteles (2003). Com isso, procuramos compreender não apenas como os personagens foram construídos, sob quais perspectivas eles apareceram nas duas novelas, mas principalmente qual a função do beijo no subenredo desses personagens. Procuramos observar onde essas cenas de beijo foram inseridas em relação ao desenvolvimento das respectivas tramas. Aparentemente, a banalidade da segunda cena, que não chegou a representar uma peripécia da história, contrastou com o beijo do personagem Félix, que foi a sua catarse na trama, promovendo, assim o reconhecimento do público.

A telenovela brasileira

O surgimento da telenovela no Brasil data de 1951, um ano após o nascimento da primeira emissora brasileira de televisão, a TV Tupi de São Paulo. "Sua Vida me Pertence" foi escrita e dirigida por Wálter Foster. Apresentada ao vivo duas vezes por semana, a primeira telenovela brasileira contou com 15 capítulos e chamou a atenção por exibir um beijo, que seria o grande marco da sensualidade na TV até o início dos anos 70 (LOPES, 2003). A primeira produção do gênero exibida diariamente foi "2-5499 Ocupado", na TV Excelsior, em 1963. Mas o primeiro grande clássico da teledramaturgia nacional se daria no ano seguinte, com "O Direito de Nascer" (versão brasileira do drama cubano "El Derecho de Nacer", de 1946). Produzida pela TV Tupi, a história já havia feito sucesso no formato de radionovela, em 1952, pela Rádio Tupi. A repercussão foi tão grande que uma festa com a presença dos atores da novela lotou o Maracanãzinho, no Rio de Janeiro, um dia após a exibição do capítulo final, em agosto de 1965.

Mas foi na TV Globo que a produção e o sucesso das telenovelas atingiu seu auge. Desde a fundação, em 1965, a emissora carioca vem investindo no gênero, tendo se espelhado

inicialmente nos sucessos da TV Tupi. O horário nobre da televisão brasileira foi formatado na década de 1970, já pela Globo, que passou a exibir três novelas diariamente - às 18h, 19h e a popularmente conhecida como "novela das oito" - e montou uma programação que combinava ficção e realidade. A fórmula telejornal/telenovela/variedades se consolidou como grade de programação de emissoras abertas.

Fadul (2000) lembra que a consolidação do gênero no gosto do público brasileiro foi tão grande que, em 1986, quando a TV Tupi já era extinta e a Globo monopolizava as produções de telenovelas, "Roque Santeiro" alcançou o maior recorde da história da televisão. Com 100% de audiência, a trama de Viúva Porcina e Sinhozinho Malta atingiu marca jamais igualada por qualquer outra produção.

Apesar da crescente queda no número de espectadores das TVs abertas (de 2010 a 2015, a audiência das TVs pagas cresceu 135%, enquanto quatro das cinco maiores emissoras de TV aberta tiveram quedas de até 44% nos índices de audiência), o produto telenovela ainda sustenta boa parte da audiência. Para se ter uma ideia da importância que esse produto representa, atualmente, a TV Globo mantém seis telenovelas no ar, cada uma com suas características. A principal é a “novela das oito”, que em 2011 passou a ser, oficialmente, a “novela das nove”. Com dramas que unem homens e mulheres, jovens e adultos, sejam eles ricos, pobres, de classe média, moradores do campo ou da cidade, de qualquer raça ou religião, a telenovela exibida no horário nobre estabeleceu-se como um espaço público onde o brasileiro reflete e problematiza questões e relações sociais.

A força e a repercussão da novela mobilizam cotidianamente uma verdadeira rede de comunicação, através da qual se dá a circulação dos seus sentidos e provocam a discussão e a polêmica nacional. Através desse fórum de debates capilarmente difuso, complexo e diversificado, as pessoas sintetizam experiências públicas e privadas, expressam divergências e convergências de opinião sobre ações de personagens e desdobramentos de histórias. (LOPES, 2003, p. 31)

Ainda que a chegada dos canais por assinatura, nos anos 1990, e, mais recentemente, de serviços como o Netflix, tenham conquistado parte da audiência das tramas globais, é inegável a influência das produções da Globo no cotidiano brasileiro. Nesse contexto, "Avenida Brasil", de 2012, é emblemática. Na reta final, a produção chegou a ter 73% de participação, o que significa dizer que a cada 100 televisores ligados no Brasil, 73 estavam exibindo a história de Nina e Carminha. Por isso, ainda que outros produtos e circuitos de comunicação possam ter alcançado lugares importantes na cultura brasileira, as tramas da telenovela ainda constituem um solo comum de produção de identidades.

Evolução narrativa das telenovelas brasileiras

Ao longo das décadas, a telenovela brasileira foi passando por algumas transformações, principalmente no que tange à estrutura narrativa e também às temáticas paralelas que giram em torno do tema mais repetido: o amor e suas implicações. Até o fim da década de 1960, as novelas brasileiras apresentavam um estilo mais fantasioso, com figurinos muito trabalhados, tempo e espaço remotos, personagens com nomes estrangeiros, linguagem formal, entre outras características distantes do cotidiano e que aproximavam as produções brasileiras das realizadas em outros países latinos, como Cuba e México. No entanto, em 1968, "Beto Rockfeller", exibida pela Tupi, marcou uma transformação ao trazer uma trama mais próxima do cotidiano brasileiro, reformulando regras da teledramaturgia e dando maior identidade brasileira às telenovelas. Com um anti-herói como protagonista, linguagem coloquial, cenas externas expondo o ambiente urbano, interpretações mais naturais, e referências conhecidas do público, "Beto Rockfeller" foi um marco que divide a história da teledramaturgia no Brasil.

As convenções que passaram a ser adotadas daí em diante baseiam-se de que cada novela deveria trazer uma 'novidade', um assunto que a diferenciasse de suas antecessoras e fosse capaz de "provocar" o interesse, o comentário, o debate de telespectadores e de outras mídias, o consumo de produtos a ela relacionados, como livros, discos, roupas, etc. (LOPES, 2003, p. 25).

Assim, a telenovela se fortalecia no gosto popular e acrescentava doses de realismo que começaram a fazer o público se enxergar na tela da TV. A identificação da audiência com as tramas e os personagens se tornou um trunfo. Críticas sociais, culturais e políticas passaram a ser cada vez mais comuns nas tramas, fazendo da telenovela um dos principais espaços de problematização da sociedade.

É isso que, a nosso ver, mais tipifica a telenovela brasileira e constitui o paradoxo de se identificar o Brasil mais numa narrativa ficcional do que no telejornal. São recorrentes nas novelas a identificação entre personagens da ficção e figuras públicas reais, entre as tramas e os problemas reais e a tendência para uma maior verossimilhança nas histórias contadas, esta, aliás, uma demanda forte do próprio público. (LOPES, 2003, p. 25-26).

Apesar da roupagem mais brasileira e de todas as demais inovações proporcionadas por *Rockfeller*, as histórias centrais dos dramas continuaram girando em torno do amor, contado das mais iguais e diferentes formas. Ao pesquisar a trajetória dos folhetins, que influenciaram diretamente as telenovelas, com sua narrativa diária e seus ganchos (uma espécie de suspense deixado a cada fim de capítulo), Cristiane Costa afirma que as bases das

telenovelas surgem do estilo de folhetim conhecido como "desgraça pouca é bobagem". "Emoção a qualquer preço, imagens violentas que saltam do noticiário para a ficção, temas como amor, ódio, paixão, ciúme, desejo, ganância, ambição, morte, crime, luxúria, loucura se firmaram a partir de então. E a necessidade de um *happy end* também" (COSTA, 2000, p. 45). A estrutura dramática do melodrama foi a matriz da teledramaturgia latino-americana. Triângulos amorosos, obstáculos que impulsionam ainda mais o amor, a ascensão social através do romance e a quebra da ordem social pelo amor são fórmulas que não saem do gosto popular, ainda que muitas vezes sejam inverossímeis. Mas a simplicidade, o maniqueísmo e o apelo direto aos sentimentos causam uma identificação imediata no receptor, facilitando a popularização do gênero entre as camadas mais populares, que compõem a grande maioria do Brasil (e da América Latina).

Não se pode deixar de destacar o caráter aberto das telenovelas. Ainda que os autores tenham em mente um início, meio e fim para suas tramas e personagens, o retorno do público é primordial e pode provocar mudanças radicais na história proposta. Mesmo que seja possível uma previsibilidade de acordo com os estudos de recepção e por saberem que clichês são mais aceitos pelo público, os autores sabem como a obra vai começar, mas não como ela vai se desenrolar e terminar. Ao longo do tempo, já houve troca de casal, mudanças radicais de comportamento de personagens, além de outros que simplesmente morreram, entre outras alterações forçadas pela audiência.

Pelo menos desde os anos 70, através da Globo veio sendo consolidada uma série de mecanismos de produção e convenções de escritura e de recepção que configuram um sistema de real feedback na produção de um produto massivo. Esse sistema leva em conta a participação dos telespectadores no momento mesmo da produção. Nesse sentido, e porque vão ao ar enquanto estão sendo escritas, as novelas foram definidas como obras abertas (no sentido de Umberto Eco). Elas são capazes de colocar em sintonia os telespectadores com a interpretação e a reinterpretação dos temas tratados. (LOPES, 2003, p. 26).

A análise do impacto das tramas na recepção aconteceu logo após o efeito "Beto Rockfeller" na teledramaturgia nacional. Uma das estratégias utilizadas para salvar novelas que não estão agrandando o público e amargam baixos índices de audiência é utilizar as histórias de amor. Recentemente, em "Velho Chico", novela das 21h da Globo, diversos sites noticiaram um conflito entre o diretor de teledramaturgia diária da emissora, Silvio de Abreu, e o diretor da telenovela, Luiz Fernando Carvalho. Uma das exigências que Silvio teria feito para reverter os fracos resultados seria investir em romances.

A audiência, portanto, é fígada pelas histórias de amor que a ludíbriam; cria uma identificação com a obra, através dos personagens mais verossímeis, das temáticas baseadas

na realidade que passaram a ser abordadas e da ambientação em tempos/espços acoplados à realidade; e, por fim, sente-se parte integrante da obra ao ver sua opinião sendo crucial para possíveis alterações nos rumos da trama - e também através do consumo de produtos relacionados à novela (o vestido da mocinha, os óculos da vilã ou cd com a trilha sonora).

Tais artifícios contribuem para construir a identificação do público com os personagens e as histórias que vivem. Traçando um paralelo com a perspectiva pós-moderna e descentrada de identidade utilizada por Hall (2011), Maia (2000) faz uma ligação direta entre a pluralização da sociedade contemporânea e a construção de identidades com o desenvolvimento dos meios de comunicação e das novas tecnologias. A televisão e seu principal produto no Brasil, a telenovela, apresentaram ao telespectador novos tipos de identidade e de socialização.

A identidade criada pela novela para atrair telespectadores e promover uma identificação destes com o produto de ficção seriada e conquistar audiência traduz-se na busca pela representação do real. É a verossimilhança, a aproximação da estória construída à realidade vivida cotidianamente pelos telespectadores. (MARTINS, 2008, p. 8)

Assim, ficção e realidade tangenciam-se de tal forma que os personagens ganham vida própria e os temas abordados pela novela viram objetos de debate na sociedade. Através da telenovela, que introduz cenas e personagens que permanecem no imaginário coletivo, o Brasil já debateu temas como tráfico de pessoas, alcoolismo, síndrome de Down, diversidade sexual, adoção, entre diversos outros assuntos que foram pautados por várias obras do gênero. Diferentes estilos de vida são apresentados e, assim, ressaltando uma característica mais fluida e líquida da identidade pós-moderna, a mídia cria e reverbera identidades, fazendo-se presente na memória individual e coletiva da sociedade.

Personagens homossexuais na teledramaturgia brasileira

As questões em torno da repercussão de personagens homossexuais podem fazer pensar que a homossexualidade é uma temática recente na TV brasileira. Porém, personagens homossexuais estão presentes na telinha desde a década de 1970, de acordo com o levantamento feito por Leandro Colling (2007). O primeiro personagem gay apareceu em 1974, no clássico "O Rebu", trama policial que gira em torno das investigações de um assassinato durante uma festa, onde todos os convidados são suspeitos. O banqueiro Conrad Mahler mantinha um relacionamento com o jovem Cauê, que se aproveitava da proteção e da fortuna de Conrad, como se fosse um filho adotivo do banqueiro. No último capítulo, o público descobriu que Conrad era o grande assassino da história, que matou Sílvia por ciúmes

dela com Cauê. Assim, a primeira representação homossexual em telenovelas brasileiras foi através de um personagem assassino que mantinha um relacionamento mediado por interesses financeiros. Cabe ressaltar que o relacionamento em questão ficou no campo da insinuação, de forma velada, com cenas e gestos que sugeriam o caso vivido pelos dois. Ao longo das décadas, diversos personagens homossexuais foram introduzidos nas novelas, mas com algumas peculiaridades em torno das narrativas que os conduziam - e ainda conduzem. Frequentes são os casos em que os trejeitos afeminados (muitas vezes de forma exagerada) colocam o personagem como parte do núcleo de comédia da trama. Profissões também foram, ao longo do tempo, associadas à homossexualidade, como cabeleireiros, mordomos e estilistas. Todas estas características foram fundamentais para a construção de um ideal sobre a homossexualidade no senso comum do público. Quando ocorre a introdução de um personagem homossexual que foge do estereótipo de gay adotado pelo senso comum, há uma mudança também na narrativa que vai conduzir o personagem. Nesses casos, há a chamada "narrativa da revelação", conceito criado por Dennis Allen para definir tramas que giram em torno da revelação da sexualidade do personagem.

Exatamente como defende Allen, na narrativa da revelação os homossexuais revelam a sua orientação muito próximo do final da trama. Revelar ou não é o fio condutor da história destes personagens. Quando os autores das novelas não usam deste artifício, optam por personagens caricatos, que os telespectadores facilmente identificam como homossexuais. (COLLING, 2007, p. 8).

Um dos casos mais emblemáticos envolvendo casais homoafetivos em telenovelas globais foi o vivido por Christiane Torloni e Sílvia Pfeifer, em "Torre de Babel", escrita por Silvio de Abreu em 1998. Na trama, Rafaela e Leila formavam um casal lésbico bem-sucedido, interpretado sem estereótipos. As consequências não poderiam ter sido piores: com a grande rejeição do público ao casal, as duas acabaram morrendo ainda na fase inicial da trama, durante a explosão de um shopping, que serviu para dar novos rumos à novela e tentar reverter os baixos índices de audiência. A partir dos anos 2000, novos personagens homossexuais entram em cena e ganham destaque. Clara e Rafaela formavam um casal em "Mulheres Apaixonadas", de Manoel Carlos, exibida em 2003. Eram personagens jovens, não eram estereotipadas e em algumas cenas se acariciavam discretamente, o que já era um avanço. A narrativa da revelação permeava todo o enredo das duas. Elas chegaram a dar um rápido "selinho" em cena, mas durante uma peça de teatro onde interpretavam Romeu e Julieta. Na mesma novela, outro personagem era homossexual, mas não estava inserido na narrativa de revelação. Eugênio, então, era caricato, afeminado e não possuía relacionamentos

amorosos. No ano seguinte, "Senhora do Destino", de Aguinaldo Silva, também contou a história de um casal formado por duas mulheres sem estereótipos e conduzidas pela narrativa da revelação, mas que se encerrou no meio da trama. Por fim, elas adotaram uma criança encontrada em meio ao lixo. Ainda na novela de Aguinaldo, Bira era um carnavalesco gay, afeminado e estereotipado. Em "América", escrita por Gloria Perez em 2005, Bruno Gagliasso viveu Júnior, filho de fazendeiros que foi criado para assumir as terras da família, mas que queria ser estilista. O personagem tenta enganar a família com relacionamentos heterossexuais, mas se apaixona por Zeca, um peão contratado pela mãe, que o demite depois de desconfiar do relacionamento com seu filho. Júnior, então, confessa sua paixão por Zeca e os dois terminam juntos, com o aval da mãe. A trama protagonizou a primeira polêmica envolvendo uma cena de beijo entre um casal homoafetivo. A cena do beijo de Júnior e Zeca foi gravada e comentada tanto pela autora quanto pelos atores. Havia expectativa da imprensa e de parte do público de que acontecesse o primeiro "beijo gay" em uma telenovela. No entanto, a cena foi cortada, o que gerou protestos de grupos gays na internet.

Existem algumas curiosidades sobre o "beijo gay" na televisão brasileira. A primeira cena de beijo entre duas pessoas do mesmo sexo foi exibida ainda na década de 1960. No teleteatro "A Calúnia", exibido pela Tupi em 1963, as atrizes Geórgia Gomide e Vida Alves (que já tinha protagonizado o primeiro beijo da televisão brasileira, em 1961) deram um "selinho" em cena. Em entrevista à revista Época, Vida Alves comentou a repercussão do caso: "A cena foi comentada, mas não senti qualquer sentimento agressivo das pessoas em relação a mim. Tenho certeza que me julgaram, mas não me atacaram" (ÉPOCA, 13/05/2011). Em 1985, na telenovela "Um Sonho a Mais", da Globo, o ator Ney Latorraca interpretava Volpone, mas casou Pedro Ernesto travestido de Anabela. Os dois deram um "selinho", e a cena recebeu críticas de parte do público. A minissérie "Mãe de Santo", exibida em 1990 pela Manchete, protagonizou o primeiro "beijo gay" inter-racial da televisão brasileira. Os atores Daniel Barcelos e Raí Alves interpretavam dois jovens amigos universitários. Em 2008, na minissérie "Queridos Amigos", da Globo, os atores Bruno Garcia e Guilherme Weber protagonizaram um rápido beijo entre seus personagens logo no primeiro capítulo. Mas em entrevista, Weber praticamente negou que tenha sido um "beijo gay": "Já falei que, para mim, o primeiro beijo gay da TV será quando dois homens se beijarem, de olhos fechados, com trilha sonora ao fundo" (O Globo, 29/03/2008). Foi exatamente o que o SBT fez em "Amor e Revolução", de 2011. As personagens interpretadas por Giselle Tigre e Luciana Vedramini se beijaram de forma calorosa por alguns segundos. A cena foi ao ar uma semana depois do Superior Tribunal Federal julgar o reconhecimento da união estável

homoafetiva no Brasil, demonstrando uma clara relação entre ficção e realidade. No caso de "Amor e Revolução", houve uma recepção positiva por parte da audiência em relação ao romance lésbico. Em uma enquete no site da emissora para definir o fim da novela, dos mais de 50 mil internautas que votaram, 82% optaram pelo final feliz entre Marina e Marcela. Mas na principal emissora brasileira, a TV Globo, o primeiro "beijo gay" em uma telenovela ainda demoraria mais três anos para acontecer.

A construção dos beijos: quem pode beijar?

Apesar de a Globo ter exibido algumas cenas com o que ficou convencionado chamar de "beijo gay" a partir de "Amor à Vida", em 2014, escolhemos somente duas destas cenas, a fim de realizar uma análise comparativa. Trata-se das cenas que obtiveram maior impacto na audiência, visto a repercussão das exibições, tanto na imprensa quanto nas redes sociais.

O primeiro caso ocorreu, como já dito, na novela "Amor à Vida", exibida às 21h pela Globo entre 2013 e 2014 e escrita por Walcyr Carrasco. O beijo em questão foi protagonizado pelos personagens Félix e Niko, interpretados por Mateus Solano e Thiago Fragoso. Esta é considerada a primeira cena de um "beijo gay" nas telenovelas globais. Na trama, Félix é o vilão gay e ambicioso, inserido em uma família heteronormativa com um modelo de família feliz. No entanto, artifícios folhetinescos como segredos de paternidade, narrativa da revelação, briga entre irmãos, traição e separação entre mãe e filho permeavam a família e foram se desenrolando ao longo da trama. Félix era o filho protegido e mimado de Pilar (interpretada por Susana Vieira) e era casado com Edith (Bárbara Paz), uma ex-garota de programa que manteve uma relação secreta com César (Antonio Fagundes), pai de Félix, antes de se casar com o vilão. Edith foi o ponto chave da narrativa da revelação: quando descobriu que era traída por Félix com outro homem, armou um plano para tirar fotos do marido com o amante e então revelou a sexualidade de Félix para toda a família. Ela também revelou que César orquestrou seu casamento com Félix, já que tinha medo do filho ser gay. No enredo, as maldades praticadas por Félix se voltavam principalmente contra sua irmã, Paloma (Paola Oliveira), pois ela era a filha preferida de César e, para Félix, uma ameaça ao seu objetivo inicial de se tornar presidente do hospital da família. O personagem transferia para Paloma a responsabilidade das frustrações de sua relação com o pai. Para ele, Paloma havia roubado o carinho e a atenção de César, que o desprezava. No início da trama, ele chegou a abandonar a própria sobrinha, filha de Paloma, em uma caçamba de lixo, com medo de o pai dar mais atenção à neta do que a ele. Na cena em que confessa ter raptado e abandonado Paulinha, Félix também expõe as fragilidades da relação com o pai e como isso o

afeta, alegando que não conseguiu a aceitação de César nem mesmo tendo um filho com Edith.

A trajetória do personagem, que apresentava diversas nuances, conquistou o público e o transformou no principal fio condutor da trama, o que é um diferencial em relação a personagens gays de antigas novelas. Félix demonstrava complexidade ao flutuar entre um lado mais maquiavélico e ambicioso e um outro lado, mais humano e até divertido, explorando o humor ácido que lançou diversos bordões que não saíram da boca do público. Portanto, sua personalidade foi construída com maior complexidade, distanciando-se dos estereótipos atribuídos a personagens homossexuais até então. A longa duração da novela (foram 221 capítulos, ao longo de mais de oito meses de exibição) permitiu que o autor explorasse a complexidade de Félix e propusesse ao público uma virada em seu caráter. Para Vargas (2015), a sequência em que Félix confessa para a família ter deixado a sobrinha no lixo marca o início dessa transformação no personagem. Pilar, que tanto protegia o filho, o expulsa de casa, deixando Félix pobre e sem nenhum apoio. O castigo de Félix, então, é abordado de forma cômica, o que é também uma virada na abordagem do personagem, que até então tinha um tom mais dramático. Ele vai morar com Márcia (Elizabeth Savala) e Valdirene (Tatá Werneck) em um bairro periférico e se junta ao núcleo cômico da novela, onde seu humor peculiar é ainda mais explorado, impulsionando o carisma e a popularidade do personagem. O amor também é utilizado na transformação de Félix.

Nessa fase de transição do personagem, Félix se aproxima de Niko, o qual chama de 'Carneirinho', e inicia uma grande amizade. A esperteza e a malícia de Félix são usadas para ajudar o ingênuo e bondoso chefe de cozinha a enfrentar as armadilhas de Amarillys para roubar seu filho, trama paralela que nesse momento se encontra com a linha narrativa central. A história retrata o golpe da barriga solidária: Amarillys se oferece para gerar o fruto da inseminação artificial que juntaria os espermatozoides de Niko e do companheiro Eron com o óvulo de uma doadora anônima. Porém, depois que o bebê nasce, ela não cumpre o trato inicial e faz de tudo para não se afastar da criança. (VARGAS, 2015, p.78)

A nova realidade de vida faz com que Félix descubra o que de fato tem valor na vida. Pilar o perdoa e pede para o filho voltar para casa, desde que peça perdão a todos que prejudicou. E foi exatamente o que fez, convencendo a audiência de que, de fato, era uma nova pessoa, inclusive ajudando a própria irmã a reatar com seu amor, Bruno (Malvino Salvador), e defendendo o pai, que ainda o despreza por ser gay, das más intenções de Aline (Vanessa Giacomini), amante que queria dar um golpe em César. "O personagem assume uma nova função: a de herói. Isso também pode ser percebido quando Félix ajuda Niko a resgatar seu filho, que tinha sido sequestrado por Amarillys" (VARGAS, 2015, p. 82). Félix demonstra,

através de sua transformação, que seu objetivo não era exatamente a presidência do hospital, mas sim a aceitação do pai. A transformação que fez Félix se redimir de suas maldades e se transformar em herói, passando de antagonista à protagonista, fez com que o público esperasse um final feliz com um par romântico para o personagem. Era natural que ele e Niko terminassem juntos, uma vez que a redenção de Félix andou lado a lado com a aproximação de Niko. No último capítulo, então, houve o “beijo gay” que coroou a transformação de Félix, causando grande repercussão e atendendo às expectativas de boa parte do público.

Figuras 1, 2 e 3



Fonte: Chamadas nos respectivos sites noticiosos.

Segundo matéria do O Dia, a Globo emitiu a seguinte nota sobre o aclamado beijo:

Toda cena de novela é consequência da história, responde a uma necessidade dramática e reflete o momento da sociedade. O beijo entre Félix e Niko selou uma relação que foi construída com muito carinho pelos dois personagens. Foi, portanto, o desdobramento dramático natural dessa trama. A pertinência desse desfecho foi construída com muita sensibilidade pelo autor, diretor e atores e assim foi percebida pelo público. É importante lembrar que o relacionamento homossexual sempre esteve presente nas nossas novelas e séries de maneira constante, responsável e natural. A cena esteve de acordo com essa premissa e com a relevância para a história. (O Dia, 01/02/2014, online)

As duas novelas que sucederam "Amor à Vida" também apresentaram o acontecimento "beijo gay", mas com beijos pouco expressivos. Foi o caso de Clara (Giovanna Antonelli) e Marina (Tainá Müller) na novela "Em Família" e de Cláudio (José Mayer) e Leonardo (Klebber Toledo) em "Império".

A audiência só voltou a sofrer um grande impacto com um "beijo gay" em "Babilônia", de 2015, escrita por Gilberto Braga, Ricardo Linhares e João Ximenes Braga. Teresa e Estela, interpretadas por Fernanda Montenegro e Nathalia Timberg, são mulheres idosas, ricas e bem sucedidas que há anos se separaram de seus maridos, com quem tiveram filhos, para viver um romance. A novela começa com as duas em um relacionamento de longa

data e estabilizado, criando o neto de Estela, Rafael (Chay Suede), que enfrenta muito preconceito por ser "filho" das duas. A mãe de Rafael morreu quando ele ainda era criança e seu pai o abandonou. Estela também é mãe de Beatriz (Glória Pires), uma das vilãs da trama. Teresa é uma advogada de sucesso e tem um filho que não vê há 30 anos, Lauro (Dennis Carvalho), que a rejeitou quando foi morar com Estela. Logo no primeiro capítulo, em uma cena comum de um casal no quarto depois de um dia de trabalho, Estela demonstra preocupação em relação às atitudes de Beatriz, e Teresa aconselha a esposa a ficar de olho na filha. As duas, então, se beijam. No entanto, a repercussão não foi positiva como a do beijo entre Félix e Niko:

Figuras 4, 5, 6 e 7



Fonte: Chamadas nos respectivos sites noticiosos.

Algumas diferenças entre as cenas precisam ser levadas em consideração para entender as diferentes repercussões causadas pelo mesmo acontecimento, o "beijo gay". Enquanto em "Amor à Vida" houve toda uma linha narrativa que foi se desenrolando até culminar na cena do beijo, em "Babilônia" a situação foi diferente. O casal em questão não foi construído ao longo da trama. Foi apresentado já pronto, sólido e resolvido. O beijo rotineiro do casal - que não representa nada de especial além do beijo - contrasta com o significado do beijo de Félix: a redenção através do amor. Além das diferenças de significado, a construção

narrativa proporciona outro aspecto que favorece o beijo de "Amor à Vida": os personagens estavam "na casa" do telespectador há oito meses. Félix e Niko já tinham vida própria. O público teve tempo para criar uma identificação com os personagens, já que acompanhou suas trajetórias. Ambos sofreram para viver o amor e, portanto, eram merecedores dele. Em "Babilônia" ocorreu o inverso. O público não conhecia as personagens, mas conhecia - e muito - as atrizes, que possuem décadas de carreira e estão no hall das maiores atrizes brasileiras. Naquele momento, sobressaltou aos olhos do público o beijo entre Fernanda Montenegro e Nathalia Timberg, e não o beijo entre Teresa e Estela. Na chamada da matéria do O Globo em 16/03/2015 a situação fica bem evidente: "Beijo de Fernanda Montenegro e Nathalia Timberg em 'Babilônia' repercute nas redes sociais". A idade das atrizes também influenciou na repercussão negativa do beijo. O amor na terceira idade, quando explorado na teledramaturgia, não apresenta o menor indício de erotização. "Amor à Vida" também inovou neste ponto, e também com a presença de Nathalia Timberg, que na ocasião interpretava Bernarda, a avó de Félix.

Em 2014, Amor à Vida trouxe em uma de suas subtramas o romance entre Bernarda e Lutero, interpretados por Nathalia Timberg e Ary Fontoura. A família dela – e possivelmente parte do público – se choca ao tomar conhecimento que haviam dormido juntos. O vilão Félix, neto de Bernarda, acusa-a de haver se transformado em vovó piquete. (CASTRO e BACCEGA, 2015, p. 107)

É importante também relacionar o contexto político-social vivido à época. Nas eleições de 2014, o Brasil elegeu o Congresso mais conservador desde 1964, demonstrando uma guinada à direita de boa parte da população. A atuação da bancada evangélica, que se fortaleceu nas eleições de 2014 e que é conhecida por se posicionar contra direitos LGBTT, também foi crucial para a repercussão negativa tanto do beijo quanto da novela. O Deputado Federal Marco Feliciano, um dos maiores representantes da bancada, chegou a se pronunciar em relação à cena. Na novela, os autores também alfinetaram o grupo político evangélico através do personagem Aderbal Pimenta (Marcos Palmeira), um prefeito evangélico e corrupto, que enganava os fiéis eleitores. Além disso, a filha de Aderbal, Laís (Luísa Arraes), formou um par romântico com Rafael, que era criado pelo casal de mulheres, e passou a confrontar os preconceitos do pai. Os protestantes organizaram um boicote contra "Babilônia".

A grande rejeição do público teve diversas implicações na trama. Os autores precisaram alterar bastante a sinopse original, mudando o rumo de diversos personagens, inclusive o de Carlos Alberto (Marcos Pasquim), que seria mais um personagem homossexual e viveria um relacionamento com Ivan (Marcello Melo Jr.). No entanto, Carlos Alberto

acabou sendo um personagem heterossexual que viveu um caso com a protagonista, Regina (Camila Pitanga). Além disso, cenas de intimidade entre Teresa e Estela foram cortadas.

Ainda assim, "Babilônia" terminou tão polêmica quanto seu início. No último capítulo, a novela deu um recado sobre diversidade sexual ao exibir três "beijos gays": dois de Teresa e Estela e um de Ivan e Sérgio (Cláudio Lins). A novela terminou como o maior fracasso de audiência da história do horário nobre da Globo: segundo dados do Ibope, foram apenas 25 pontos de média na Grande São Paulo, sete a menos que sua antecessora, "Império".

Considerações finais

Em uma sociedade fortemente homofóbica, qualquer cena de beijo entre duas pessoas do mesmo sexo ainda sofre alguma rejeição. No entanto, elementos narrativos podem fazer com que o autor consiga passar a mensagem desejada através do acontecimento "beijo gay" de forma que o preconceito (ou parte dele) seja neutralizado. Nos casos analisados, ainda que entre uma novela e outra tenha havido um acirramento político no país com forte conotação homofóbica, o intervalo de tempo entre um "beijo gay" aclamado e um "beijo lésbico" rejeitado foi menor que dois anos. É importante ressaltar, ainda, que na época de "Babilônia", ia ao ar na mesma emissora "Verdades Secretas", novela das 23h escrita por Walcyr Carrasco, que abordava temas como prostituição, aliciamento de menores e uso de drogas através de cenas extremamente fortes. Não houve, no caso de "Verdades Secretas", organização do público para boicotar a trama. Pelo contrário, a novela foi a mais bem sucedida desde a estreia da faixa das onze, com 20 pontos de média na Grande São Paulo, segundo dados do Ibope. Portanto, além da problemática do "beijo gay" em si, que questiona tabus sociais heteronormativos, há uma questão narrativa envolvida na assimilação de uma cena e na rejeição de outra. Depois do caso Teresa e Estela, a emissora optou por não exibir, até segunda ordem, cenas de beijo entre duas pessoas do mesmo sexo em novelas das 21h. Mas na faixa das 23h, um passo ainda maior foi dado no dia do fechamento deste estudo. Quando este artigo foi produzido, estava no ar a novela "Liberdade, liberdade", escrita por Mário Teixeira e dirigida por Vinícius Coimbra, que fizeram os personagens Tolentino (Ricardo Pereira) e André (Caio Blat) protagonizarem a primeira cena de sexo entre dois homens em uma novela brasileira, o que possibilitará acompanhar os desdobramentos do problema e aprofundar os estudos sobre o tema.

Referências bibliográficas

ARISTÓTELES. **A arte poética**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

- CASTRO, Gisela G S; BACCEGA, Maria Aparecida. A velhice na telenovela brasileira contemporânea: fomento ao debate. **Logos**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p.98-109, 2015. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/viewFile/19627/16051>>. Acesso em: 02 jun. 2016.
- COLLING, Leandro. **Homoerotismo nas telenovelas da Rede Globo e a Cultura**. In: III ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, Salvador, 2007. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2007/LeandroColling.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2016.
- COSTA, Cristiane. **Eu compro essa mulher**: romance e consumo nas telenovelas brasileiras e mexicanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000. 132 p.
- DARDE, Vicente William da Silva. A construção de sentidos sobre a homossexualidade na mídia brasileira. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p.223-234, 2008. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/3109/4731>>. Acesso em: 03 jun. 2016.
- FADUL, Anamaria. Telenovela e Família no Brasil. **Comunicação & Sociedade**, São Paulo, v. 22, n. 34, p. 11-39, 2º sem. 2000. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/4315/3973>>. Acesso em: 15 abr. 2016.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: Dp&a Editora, 2011. 102 p. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e outro.
- HENN, Ronaldo Cesar; MACHADO, Felipe Viero. MAS... E O BEIJO DAS TRAVESTIS?: DE FELIKO E CLARINA, DOS SENTIDOS PRODUZIDOS EM REDE E DE QUEM PODE (E COMO PODE) BEIJAR NO HORÁRIO NOBRE. **Contemporânea: REVISTA DE COMUNICAÇÃO E CULTURA**, Salvador, v. 13, n. 2, p.366-381, 2015. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/13846/9883>>. Acesso em: 15 maio 2016.
- LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. Telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 26, p. 17-34, 2003. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/viewFile/37469/40183>>. Acesso em: 16 abr. 2016.
- MAIA, Aline Silva Correa. Telenovela: projeção, identidade e identificação na modernidade líquida. **E-compós**, [s. L.], v. 9, p.1-14, 2007. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/174/175>>. Acesso em: 04 jun. 2016.
- MAIA, Rousiley C. M.. Identidades coletivas: negociando novos sentidos, politizando as diferenças. **Revista Contracampo**, Niterói, v. 5, p.47-66, 2000. Disponível em: <<http://www.contracampo.uff.br/index.php/revista/article/view/453/376>>. Acesso em: 03 jun. 2016.
- MARTINS, Simone. **A Construção da Identidade das Telenovelas Brasileiras: O Processo de Identificação dos Telespectadores com a Narrativa Ficcional Televisiva**. In: VI Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, Niterói, 2008. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008/1/A%20Construcao%20da%20Identidade%20das%20Telenovelas%20Brasileiras.pdf>>. Acesso em: 03 jun. 2016.
- MONTORO, Tânia; MENDONÇA, Maria Luiza. O beijo subversivo que subverte a telinha. **Revista Lusófona de Estudos Culturais**, Aveiro, v. 3, n. 1, p.163-175, 2015. Disponível em: <<http://www.estudosculturais.com/revistalusofona/index.php/rlec/article/view/207/130>>. Acesso em: 21 maio 2016.
- OLIVEIRA, José Aparecido. Transformações na representação e na discursividade da novela Amor à Vida. **Revista Mediação**, Belo Horizonte, v. 17, n. 20, p.27-44, 2015. Disponível em: <<http://www.fumec.br/revistas/mediacao/article/view/2845>>. Acesso em: 03 jun. 2016.
- PERET, Luiz Eduardo Neves. De “O Rebu” a “ América ”: 31 anos de homossexualidade em telenovelas da Rede Globo (1974-2005). **Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p.33-45, 2005. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/contemporanea/article/view/17141/12599>>. Acesso em: 03 maio 2016.

PROPP, Wladimir I. **Morfologia do conto maravilhoso**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1984.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. SP: Perspectiva, 2004.

VARGAS, Arlan Silva de. **DE VILÃO A MOCINHO**: uma análise sobre a construção do personagem Félix, da telenovela "Amor à Vida". 2015. 106 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social - Jornalismo, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/125952/000971834.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 02 jun. 2016.

Matérias jornalísticas e sites:

BRAVO, Zean. Guilherme Weber faz balanço da minissérie 'Queridos amigos' e fala do novo trabalho. **O Globo**, Rio de Janeiro, 29 mar. 2008. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/guilherme-weber-faz-balanco-da-miniserie-queridos-amigos-fala-do-novo-trabalho-3621621>>. Acesso em: 22 maio 2016.

BITTENCOURT, Carla. 'Liberdade, liberdade': cena de sexo entre André e Tolentino levou duas horas para ser feita. **Extra**, Rio de Janeiro, 06 jul. 2016. Disponível em: <<http://extra.globo.com/tv-e-lazer/telinha/liberdade-liberdade-cena-de-sexo-entre-andre-tolentino-levou-duas-horas-para-ser-feita-19650268.html>>. Acesso em: 08 jul. 2016.

CARVALHO, Marcelle. 'Babilônia' é uma outra novela se comparada a sua sinopse: confira como eram as histórias originais. **Extra**, Rio de Janeiro, 16 jun. 2015. Disponível em: <<http://extra.globo.com/tv-e-lazer/babilonia-uma-outra-novela-se-comparada-sua-sinopse-confira-como-eram-as-historias-originais-16455174.html>>. Acesso em: 25 maio 2016.

CASALETTI, Danilo. Vida Alves: ela deu o verdadeiro primeiro beijo gay da TV brasileira. **ÉPOCA**, São Paulo, 13 mai. 2011. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI232912-15220,00-VIDA+ALVES+ELA+DEU+O+VERDADEIRO+PRIMEIRO+BEIJO+GAY+DA+TV+BRASILEIR+A.html>>. Acesso em: 22 maio 2016.

FELTRIN, Ricardo. TV aberta cai, e TV paga dispara 135% no país em 5 anos. **UOL**, São Paulo, 11 set. 2015. Disponível em: <<http://celebridades.uol.com.br/ooops/ultimas-noticias/2015/09/11/tv-aberta-cai-e-tv-paga-dispara-135-no-pais-em-5-anos.htm>>. Acesso em: 22 jun. 2016.

MARTINELLI, Andréa. Deputado Marco Feliciano critica estreia e beijo gay em 'Babilônia', nova novela da Globo. **Huffpost Brasil**, São Paulo, 17 mar. 2015. Disponível em: <http://www.brasilpost.com.br/2015/03/17/marco-feliciano-babilonia_n_6888236.html>. Acesso em: 25 maio 2016.

MOREIRA, Paulo Ricardo. Evangélicos organizam boicote contra 'Babilônia'. **O Dia**, Rio de Janeiro, 19 mar. 2015. Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/diversao/televisao/2015-03-19/evangelicos-organizam-boicote-contra-babilonia.html>>. Acesso em: 25 maio 2016.

SOUZA, Nivaldo; CARAM, Bernardo. Congresso eleito é o mais conservador desde 1964, afirma Diap. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 06 out. 2014. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,congresso-eleito-e-o-mais-conservador-desde-1964-afirma-diap,1572528>>. Acesso em: 25 maio 2016.

STYCER, Mauricio. Silvio de Abreu eleva o tom e ameaça afastar o diretor de "Velho Chico". **UOL**, São Paulo, 19 mai. 2016. Disponível em: <<http://mauriciostycer.blogosfera.uol.com.br/2016/05/19/silvio-de-abreu-eleva-o-tom-e-ameaca-afastar-o-diretor-de-velho-chico/>>. Acesso em: 22 maio 2016.

XAVIER, Nilson. O Direito de Nascer (1964). **Teledramaturgia**. Disponível em: <<http://www.teledramaturgia.com.br/o-direito-de-nascer-1964/>>. Acesso em: 22 maio 2016.

Autores 'se vingam': 3 beijos gays em final com ibope baixo. **Terra**, São Paulo, 29 ago. 2015. Disponível em: <<http://diversao.terra.com.br/tv/sala-de-tv/blog/2015/08/29/autores-%E2%80%98se-vingam%E2%80%99-3-beijos-gays-em-final-com-ibope-baixo/>>. Acesso em: 26 maio 2016.

Beijo de Fernanda Montenegro e Nathalia Timberg em 'Babilônia' repercute nas redes sociais. **O Globo**, Rio de Janeiro, 16 mar. 2015. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/beijo-de-fernanda-montenegro-nathalia-timberg-em-babilonia-repercuta-nas-redes-sociais-15614383>>. Acesso em: 23 maio 2016.

Globo justifica beijo gay de 'Amor à Vida' através de comunicado. **O Dia**, Rio de Janeiro, 01 fev. 2014. Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/diversao/televisao/2014-02-01/globo-justifica-beijo-gay-de-amor-a-vida-atraves-de-comunicado.html>>. Acesso em: 26 maio 2016.

Globo corta beijos de Fernanda e Nathalia em Babilônia. **A Tarde**, São Paulo, 10 abr. 2015. Disponível em: <<http://atarde.uol.com.br/cultura/televisao/noticias/1672925-globo-corta-beijos-de-fernanda-e-nathalia-em-babilonia>>. Acesso em: 26 maio 2016.

Internautas decidem que Marcela fique com Marina. **SBT**, São Paulo, 17 jan. 2012. Disponível em: <<http://www.sbt.com.br/amorevolucao/fiquepordentro/>>. Acesso em: 22 maio 2016.

Relembre os beijos gays que já foram exibidos na televisão. **BOL**, São Paulo, 16 mar. 2015. Disponível em: <<http://noticias.bol.uol.com.br/fotos/entretenimento/2015/03/16/relembre-os-beijos-gays-que-ja-foram-exibidos-na-televisao.htm#fotoNav=1>>. Acesso em: 22 maio 2016.

Último capítulo de "Avenida Brasil" tem 50,9 de Ibope e é maior audiência da TV no ano. **UOL**, São Paulo, 19 out. 2012. Disponível em: <<http://televisao.uol.com.br/noticias/redacao/2012/10/19/ultimo-capitulo-de-avenida-brasil-tem-509-de-ibope-e-e-maior-audiencia-da-tv-no-ano.htm>>. Acesso em: 22 jun. 2016.